O DISCURSO RELIGIOSO DA PRESERVAÇÃO IDENTITÁRIA NAS COMUNIDADES MUÇULMANAS ALAUÍTAS DO BRASIL

■ MUNA OMRAN¹

RESUMO: ATUALMENTE, OS ESTUDOS SOBRE O ISLÃ NO BRASIL, NA MAIORIA DAS VEZES ENVEREDAM PARA A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS E RELIGIOSAS DOS GRUPOS SUNITAS OU XIITAS DUODECIMANOS. NO ENTANTO, HÁ OUTROS GRUPOS DE DENTRO DO XIISMO QUE JÁ COMEÇAM A SER ESTUDADOS, COMO O CASO DOS XIITAS ALAUÍTAS E DOS DRUZOS. O FLUXO IMIGRATÓRIO DESTES GRUPOS PARA O BRASIL INICIOU-SE NO INÍCIO DO SÉCULO XX E TEM SEU AUGE APÓS O TÉRMINO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. ORIGINÁRIOS DAS MONTANHAS DA SÍRIA, A IMIGRAÇÃO DE MUÇULMANOS ALAUÍTAS NO BRASIL SE INICIA NO FINAL DO SÉCULO XIX, DE ACORDO COM RELATOS DE SEUS MEMBROS E SE INTENSIFICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. AO CHEGAREM AQUI, SE INSEREM NAS COMUNIDADES URBANAS TRANSMITINDO PARA SEUS DESCENDENTES SUA TRADIÇÃO RELIGIOSA E SUA RELIGIOSIDADE. ASSIM, O PRESENTE ARTIGO, ALÉM DE FAZER UM BREVÍSSIMO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS DESTA COMUNIDADE NO BRASIL, TEM POR OBJETIVO REFLETIR ACERCA DO SEU DISCURSO DA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA, NÃO DISSOCIANDO DO DISCURSO POLÍTICO.

PALAVRAS-CHAVE: IMIGRAÇÃO – IDENTIDADE – ISLÃ – DISCURSO RELIGIOSO – ALAUÍTAS – DISCURSO RELIGIOSO.

No Brasil, o islã e os muçulmanos têm sido enfoque de muitas pesquisas. Vários fatores favorecem o aumento do interesse acadêmico sobre esta religião e seus seguidores, podemos destacar a atual Guerra Civil Síria² que já dura quatro anos, o aumento da presença de muçulmanos na Região Sul do Brasil, em decorrência do grande fluxo de imigrantes que aqui chegaram após a Guerra Civil Libanesa (1975-1990) e os atentados do 11 de Setembro. No entanto, tem-se notado que a atenção dos nossos pesquisadores está voltada para o crescente número de convertidos após os atentados da Al Qaeda nos Estados Unidos em 2011 ou para as comunidades sunitas e xiitas³, sem considerar, na maioria das vezes, os movimentos dentro do sunismo⁴ ou as correntes que nascem do xiismo.

Segundo dados dos membros do corpo diretor da Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro, entre seus associados, o número de convertidos em 1997 era de 15% em 2009 saltou para 85%. (PINTO, 2010a). Já, de acordo último censo do IBGE há, no Brasil, há cerca de 35.167,00 muçulmanos. Esse número, porém, não especifica os muçulmanos de acordo com seu grupo dentro do islã; como xiita (duodecimanos, alauítas, ismaelitas, druzos) ou sunita, e ainda não inclui o número de convertidos.

Embora os estudos sobre o islã enveredem para a compreensão das práticas sociais e religiosas dos sunitas ou xiitas⁵,

em especial sobre os xiitas duodecimanos⁶, há outros grupos que já começam a chamar a atenção dos nossos pesquisadores, como é o caso dos druzos⁷. As pesquisas no Brasil sobre os alauítas ainda não se consolidaram, este grupo⁸ chama a atenção pela sua efetiva participação na configuração do islã no Brasil e nos modos de expressar sua religiosidade como também no discurso de preservação de sua identidade e é este discurso que nos interessa.

O discurso religioso e as práticas religiosas dos alauítas, no Brasil constroem uma identidade própria do grupo, a palavra religiosa funciona entre uma verdade do dizer, da ação da palavra de decisão movida pela fé e pela emoção e a palavra da razão, da persuasão, baseada nos ditos do Profeta e de seu genro e sucessor Ali Ibn Abi Talib, como ainda nos exemplos de vida dos líderes religiosos locais⁹ e assim como o discurso político que funciona na conjunção de discursos de ideias (a verdade da possibilidade) e de poder, pensamento, ação (CHARAUDEAU, 2006). A identidade dos alauítas no Brasil se constrói tendo a palavra religiosa associada ao sentimento de pertencimento a uma pátria, no caso a Síria, já que se originam das montanhas do país árabe e com ele mantêm fortes vínculos.

Os alauítas – Origem e História

Dois terços da população da região costeira do noroeste da Síria é alauíta, ocupada ainda por muçulmanos sunitas e ismaelitas e uma minoria cristã.

Perseguidos e ameaçados de extinção pelos otomanos e pela maioria sunita da Síria, que os consideravam hereges, os alauítas buscaram nas montanhas sírias proteção e abrigo, pois não tinham a proteção dos governantes para suas práticas religiosas.

Figura 1 - área escurecida, cidades de Latakia e Tartus, é onde há a maior concentração de alauítas na Síria.

Fonte: <http://zip.net/bfsXRG>

Conhecidos, ainda por Nusayristas¹⁰, existem comunidades alauítas no Norte do Líbano e no sul da Turquia. Na Turquia são conhecidos por Alevi, um nome turco que generaliza todos os xiitas mais radicais em suas práticas místicas.

Os alauítas são uma seita do xiismo. A palavra “*shii’a*” significa partidário, seguidor, logo todos os xiitas são partidários do imam Ali Ibn Abi Talib. A divisão entre xiitas e sunitas ocorreu após a morte de Muhammad, com a questão da sucessão na liderança da comunidade islâmica. De acordo com a prática árabe

pré-islâmica, o filho homem assumiria todas as funções do pai, no entanto Muhammad não tinha filhos homens, sua única herdeira era sua filha Fátima AL Zahra, no entanto, pelas leis de hereditariedade ainda da Arábia pré-islâmica não poderia nada assumir, mesmo que fosse muito próxima de seu pai ou mesmo ainda sendo casada com o primo-irmão do Profeta, Ali Ibn Abi Talib, que na história do islã foi o primeiro jovem a reconhecer a profecia de Muhammad.

A estratégia de garantir a sucessão para os membros da família do Profeta, através do casamento de Fátima e Ali, não

dera certo, mesmo que esse fosse o real desejo de Muhammad e mesmo que dessa união tenham nascido os dois netos homens de Muhammad (Hassan e Hussein), logo possíveis legítimos herdeiros, a elite de Meca não permitiu que a regra de sucessão da Arábia pré-islâmica fosse quebrada. Um grupo, a despeito de tudo, tentou ainda legitimar a sucessão de Ali.

Logo se formaram dois campos de opinião: aqueles que consideravam os membros da família do Profeta (*ahl AL-bayt*) como seus sucessores legítimos, uma vez que compartilhariam da sua natureza sagrada; e aqueles que enfatizavam a igualdade entre os fiéis, afirmando que qualquer muçulmano poderia suceder o Profeta desde que se mostrasse apto para tanto. (PINTO, 2010a, p. 74)

Houve assim o grande cisma do islã, de um lado os partidários de Ali, de outro os que concordavam com a tradição que excluía as regras da sucessão (PINTO: 2010a), a partir daí, o islã iniciou uma nova etapa de sua história. Todos os descendentes masculinos da Ali passaram a serem considerados os “Imam” (líderes) ¹¹ pelos

xiitas que teriam a responsabilidade de guiar os fiéis. Começava a linha sucessória reconhecida pelos xiitas, porém o primeiro cisma aconteceu na sucessão do quarto imam Ali Zein Al A’bidin (bisneto do Profeta Muhammad), no século VIII, um grupo apoiou Zayd e outro Muhammad Al Baqir, o primeiro grupo ficou conhecido por Zaydistas, que não reconhecem Muhammad Al Baqir como o quinto imam. Com a morte do sexto imam Ja’far Al Sadiq houve o principal cisma dentro do xiismo. A maioria dos xiitas aceitou Musa Al Kazim, filho mais novo de Já’far como sucessor, mas os discípulos de Ismail, o filho mais velho, já morto, não viam isso com bons olhos, pois

“viram nisso uma contradição com a doutrina da onisciência atribuída aos Imams, pois Ja’far deveria saber que seu filho morreria antes dele.” (PINTO, 2010 a. p. 80).

O grupo religioso dos alauítas surgiu no século IX, quando houve a cisão no imanato de Hassan Al Askari, o décimo primeiro imam. No entanto, de acordo com teólogos alauítas¹² e ao contrário do que dizem alguns antigos estudiosos do islã¹³, não houve uma ruptura radical como nos demais grupos, o que aconteceu foi uma reinterpretação do imanato. Estabelecem,

assim, uma pequena diferença entre alauítas e xiitas duodecimanos, que se concentram a partir da escolha do vice-regentes do imam Al Mahdi (o 12º e último imam xiita), pois sendo criança, quando da morte de seu pai, não teria como dirigir a comunidade muçulmana e para orientá-lo e protegê-lo, foi escolhido pelo próprio imam Hassan Al-Akhir seu discípulo, Muhammad Ibn Nussayri Al-Baqri Al-Nussayri ¹⁴, no século IX. Porém, ainda de acordo com os teólogos alauítas, tal qual os xiitas duodecimanos, os alauítas reconhecem o 12º imam, Muhammad Al Mahdi.

O próprio Nussayri se autodenominava “o guardião” (*Al Bab*) de Al Mahdi. Quando os franceses assumiram o controle da Síria em 1920 eles usaram o termo “alauíta” para os nusairistas, que também serão conhecidos por “namiriya” ou “ansariyya”. Como o grupo reverenciava Ali, passaram a ser chamados de alauítas, objetivando assim, acentuar as semelhanças do grupo ao islã xiita ¹⁵ (MERVIN, 2006) e assim, reforçavam sua filiação ao islã, na medida em que o antigo império otomano tentava os desvincular do islã.

Após uma fase de expansão no Oriente, pois surgem no Iraque, seguem para o Egito, Turquia, finalmente se estabelecem em montanhas da Síria, desenvolvendo e aprofundando crenças e ritos locais, numa via mística à margem do islã. O alauísmo, assim, se desenvolveu nas montanhas sírias cercado de segredos e construindo uma identidade própria

(BALANCHE, 2006) com isso, reforçava-se, a construção de um discurso religioso de preservação que seria passado de pai para filho.

Os alauítas, ao contrário do que se divulga, seguem todos os preceitos do islã, a crença em um Deus único, no seu mensageiro Profeta Muhammad e seguem os cinco pilares do islã. Porém, sua prática religiosa é uma mistura sincrética de extremo misticismo xiita (*Ghulat*) com elementos do cristianismo primitivo, como por exemplo, a comemoração do Natal e algumas comemorações do calendário persa. No entanto, chama a atenção, ainda, que os alauítas reverenciam além do Profeta Muhammad, Ali e todos os membros da *Ahal Al Bayt*, um terceiro personagem religioso, Salman, o Persa (Salman, Al Farsi), fiel companheiro do Profeta, que abandonou toda sua riqueza pessoal para seguir Muhammad e é conhecido como o “guardião do conhecimento”. De acordo com alguns pesquisadores, como Fabrice Balanche (2006) que teve acesso a vários escritos privados¹⁶ da seita, um sincretismo com o misticismo dos antigos persas se funde na representação de três personagens: Ali é a lua, o sol é Muhammad e Salman o céu, reforçando, assim, forma-se o caráter místico do grupo. Esta “trindade” tem levado a crer que os alauítas eram cristãos que se refugiaram nas montanhas durante a expansão islâmica e de acordo com Balanche esta trindade está diretamente relacionada ao agnosticismo do Oriente,

que foi mantido em algumas seitas apesar do monoteísmo cristão e muçulmano. No entanto, este sincretismo é negado pelos teólogos alauítas e não é, em princípio, transmitido no discurso religioso da preservação da identidade alauíta no Brasil.

Enquanto que na tradição dos xiitas duodecimanos há uma forte representação iconográfica de membros da família de Muhammad, como Ali Ibn Abi Talib e seus filhos Hassan e Hussein (genro e netos do Profeta, respectivamente), o caráter místico

do grupo, permite que, por exemplo, atribuam aos *shaiykh* (líderes religiosos) ou aos Imams descendentes de Ali Ibn Abi Talib a realização de milagres. Os alauítas constroem, por isso, santuários ou ainda colocam em suas casas, em local de destaque, as fotos desses líderes. Os santuários na Síria recebem a visita dos alauítas, especialmente, as sextas-feiras, em datas religiosas como Ashura¹⁷ ou o 17 de Abril¹⁸.

Figura 2 - Ali e seus filhos, Hassan e Hussein, iconografia comum no Irã, país de maioria xiita e sul do Líbano.

Fonte: <http://iyalanmanzo.faithweb.com/>

Assim, pode-se perceber que há uma diversidade de práticas e tradições religiosas dentro do islã, ou seja, há diversos “modos de religiosidade” (WHITEHOUSE, 2000).

Figura 3 - Santuário dedicado ao Shaykh Suleiman Al-Ahmed, Latakia, Síria.

Fonte: Acervo Erkn Grgs, 2003

Figura 4 - Interior do Santuário dedicado ao Shaykh Suleiman Al-Ahmed, Latakia, Síria.

Fonte: Acervo Erkn Grgs, 2003

A crença na metempsicose, a baixa frequência nas mesquitas e a não obrigatoriedade das mulheres em usarem o *hijab*¹⁹, para não mencionar que nas suas origens se isolavam nas montanhas e consequentemente a pobreza em que viviam, foram fatores que contribuíram para que fossem publicados textos ofensivos sobre os alauítas. O grupo religioso foi condenado por clérigos do islã sunita, como Ibn Taymiyya, que, em uma *fatwa*²⁰ instaurou a *jihād* contra os alauítas²¹ o que provocou, por muito tempo, intensa perseguição e preconceito em relação ao grupo.

No século XX, com a chegada do presidente sírio Hafez Al Assad²², um alauíta, ao poder, houve uma mudança de conduta em relação ao grupo que passou a ser mais tolerado na sociedade síria. Em primeiro lugar porque Assad pôs em prática a secularização do estado sírio, como preconizava seu partido Baath, em segundo por participar de orações da sexta e daquelas que se realizam em toda a ocasião religiosa, sob a direção de um Imam sunita.

Além disso, Hafez Al Assad, sob orientações do partido Baath, elevou o nível de instrução para todos os cidadãos sírios (cristãos e muçulmanos) e, assim, os alauítas, em sua maioria excluídos do sistema educacional pelos altos custos, passaram não só a serem alfabetizados como também a ter o acesso garantido à universidade e consequentemente a saírem do campo para ocuparem postos de

destaque nas cidades. Além disso, por estratégia política do velho Assad, os altos cargos do exército foram ocupados pelos alauítas, com isso, garantia sua permanência no poder. Além dos alauítas, cristãos e a elite sunita apoiavam o partido Baath, na medida em que este fundiu à sua ideologia os princípios do Partido Socialista Nacionalista Sírio de Antoun Sa'ade, que tinha muitos cristãos como integrantes.

A oposição a Hafez Al Assad era grande e em 1982, acontecia um dos maiores massacres contra a população civil na Síria. A Irmandade Muçulmana, grupo sunita fundamentalista que lutava pela implantação das Leis Islâmicas (*shari'a*) nos países árabes e muçulmanos, organizava-se, no país, desde 1976. O exército sob comando de alauítas e o desejo de unificar os países sob a bandeira do Islã, levaram esses sunitas a um processo de luta pela derrubada de Assad e do seu Partido. Um período de terror se instaurou no país, com perseguições, prisões, torturas e mortes de membros da Irmandade Muçulmana, que teve sua culminância com o Massacre de Hamas em 1982. Tropas do exército sírio eliminaram entre 10.000 e 40.000 pessoas, na cidade de Hamas, bem como muitos foram presos, aumentando assim, um grande ressentimento sunita em relação aos alauítas. Mesmo que alguns integrantes da Irmandade tenham sido libertados, o ressentimento político e religioso era grande e já estava instalado.

Assim, a Guerra Civil síria, iniciada em 2011, mostrou que durante o regime de Hafez Al Assad, os alauítas foram apenas tolerados pelo fundamentalismo sunita, como prova a violenta perseguição ao grupo feita pelos opositores do regime de Bashar Al Assad, filho de Hafez, na atual guerra civil.

A Imigração para o Brasil_____

No final do século XIX e primeira metade do XX, a instabilidade política e econômica provocam o maior fluxo migratório do grupo. Embora alguns autores afirmem que o grande fluxo de imigrantes árabes para o Brasil tenha se dado em função da crise da seda, que foi responsável por boa parte da imigração da região do Monte Líbano (PINTO, 2010b), em relação à imigração síria e em especial a alauíta fica difícil delimitar, pois o que se tem observado pelas fontes primárias, que

dois motivos foram responsáveis, o econômico e o político. Vivendo nas montanhas e alijados de qualquer proteção de perseguições religiosas viam na imigração uma possibilidade de se livrarem da precária situação econômica e da repressão tanto advindas dos otomanos quanto mais tarde da maioria sunita que tomou o poder, com apoio francês.

Perseguidos pelos otomanos, os alauítas cada vez mais se fechavam nos seus ritos religiosos, e nas montanhas sírias, onde viviam, cultivam a terra. Em 1918, os franceses ocuparam a região costeira da Síria com o objetivo de separar a região do restante do país, o que feria os princípios da formação da tão desejada Grande Nação Síria. Em 1919, os alauítas, iniciaram um dos primeiros levantes contra a ocupação francesa na região, liderados pelo político e religioso Shaykh Saleh Al Ali. Assim, o discurso político se fortalecia através do discurso religioso praticado pelo líder alauíta.

Figura 4 - Shaykh Saleh Al Ali

Fonte: <http://zip.net/bhsYg7>

Com a derrota dos otomanos na 1ª Guerra Mundial e sua consequentemente expulsão da Síria, e a despeito da resistência alauíta, a França dividiu o território sírio em cantões semi-

independentes e entre eles criou o Estado Alauíta (*Dawlet Al Jabal Al 'Alawie*), instituindo como capital a cidade de Latakia.

Figura 5 - Bandeira do Estado Alawita da Latakia

Fonte: <http://zip.net/bwsXCv>

Em 1925, sob o comando dos líderes o druzo Sultan Al Atrash, o alauíta Saleh Al Ali e o curdo Ibrahim Hananu iniciou-se uma grande revolta contra o Mandato Francês nome do nacionalismo sírio, da Grande Nação Síria.

Em 1930, os franceses rebatizaram o Estado Alauíta de Governo de Latakia, para atender aos interesses dos druzos e da burguesia sunita que não concordava com a criação de um estado exclusivamente alau. Em 1936, deu-se o fim a este Estado, e o governo francês anexou-o à Federação Síria (NISAN: 2002).

Na Síria, embora o sentimento separatista alauíta na região tenha continuado, não foi suficiente para que este grupo religioso se organizasse para uma rebelião, pois entre eles havia os clãs de latifundiários dominavam e tomavam terras com apoio francês (HOURANI, 1995). Estes dividiam o grupo em tribos e subtribos que tendiam a rivalizar. A parte sul do território das Montanhas sírias, foi descrita como a mais tribal, dividindo os grupos em *Matawarin*, *Kalbiah*, *Haddadin* e *Khayatin*. Essa divisão foi predominante no início do século XX, influenciando na imigração para o Brasil e colaborando para a organização das redes solidárias que recebiam os imigrantes sírios e libaneses. Esses clãs foram perdendo força ao longo do século XX, em especial após os anos de 1970, com a chegada de Hafez Al Assad ao poder.

Nas narrativas da imigração, mantidas pelos descendentes, entre os anos de 1930 e 1950, estes chefes clânicos ora aparecem como benfeitores ora como vilões nas aldeias. Eles decidiam quem deveria ser alfabetizado, quem deveria orientar na formação da fé e quem deveria ter uma educação formal. De acordo com relato de S.B²³, de 90 anos, que aqui chegou em 1950 seu sonho em ser advogado não se concretizou porque o *Afandi* (Senhor) do clã de sua aldeia, nos arredores da cidade de Safita, não permitiu que estudasse. Segundo o entrevistado, o *afandi* alegou que “advogados mentem” e que o melhor para ele seria apenas ler e assim compreender o Corão.

Para a viagem, as passagens eram compradas para vários pontos da América (*Amrika*), com dinheiro emprestado por esses líderes locais, que pegavam as terras desses agricultores como garantia. Na maioria das vezes, não conseguiam pagar, aumentando a dívida, as terras eram perdidas para esses “*afanediê*” (senhores). O imigrante Y.O chegou ao Brasil aos 17 anos, em 1944, para quitar as dívidas das terras de sua família contraída por seu pai S.O que havia imigrado para o Brasil no início dos anos 1920, com dinheiro emprestado pelo *afândi* de sua aldeia, nos arredores da cidade de Safita. Em 1924 retornou para a Síria quitando a dívida e ainda com o pouco dinheiro que restara, investiu na terra de cultivo de oliveiras. No entanto, a colheita não cobria a demanda

imposta pelo líder local e a família viu-se novamente no meio da pobreza. S.O, novamente, hipotecou as terras e voltou ao Brasil em 1928, onde viveu por onze anos, quando retornou em 1939, não conseguiu pagar a dívida, pois o *afandi* aumentava os valores de acordo com a colheita, por ele controlada. Com a 2ª Guerra, a pobreza no país, em especial nas aldeias alauítas aumentou, seu filho viajou para o Brasil em 1944 para com seu trabalho e salvar as terras da família. Por cinco anos trabalhou com este propósito e conseguiu resgatar a hipoteca com o *afandi* da sua aldeia.

No caso de sírios e libaneses, portanto, a emigração nunca poderá ser entendida como uma empreitada de aventureiros desgarrados do tecido social na terra de origem. Como em geral acontece, não foram os estratos sociais mais desprivilegiados que conformaram as hostes de emigrantes. Enviar um ou mais filhos à América, via de regra, era uma decisão tomada no âmbito da família, coordenada pelo seu chefe, num cálculo destinado a melhorar ou pelo menos manter a situação relativa

do núcleo familiar na sociedade local.(TRUZZI,13, 1993).

No Rio de Janeiro, as conexões entre membros se estabeleciam, inicialmente, pela identidade pela confissão religiosa e posteriormente pelo clã que dominava na aldeia, constituía-se, assim, a identidade dos alauítas no Brasil (BARTH, 1998), que expressavam uma identidade diferencial nas relações com outros grupos do islã. O maior fluxo imigratório ocorre na 1ª metade do século XX. Oriundos da Síria estabeleciam-se inicialmente nos centros urbanos como Rio e São Paulo, depois de acordo com as redes de solidariedade (PINTO, 2010b), que já eram pré-estabelecidas pelos atravessadores que cuidavam de toda a viagem até a partida no porto de Beirute ou eram estabelecidas depois da chegada ao Brasil. Essas relações criavam um elo de compadriamento entre eles, principalmente entre aqueles que aqui chegavam através das “cartas de chamadas”, essas cartas reafirmavam a sua identidade e reforçavam a solidariedade entre o grupo.

De acordo, ainda com as narrativas da imigração, o deslocamento para o Brasil não era direto, antes de partirem para o seu destino no estrangeiro, os alauítas tentavam se estabelecer próximos à suas famílias migrando do campo para as cidades da Síria e do Líbano. Trabalhavam, no caso das mulheres, como domésticas nas casas de

cristãos, e os homens como força de trabalho braçal na construção civil e estaleiros²⁴. O depoimento de T.A²⁵, alauíta que vive no Brasil há 58 anos, fala de sua trajetória antes de chegar ao Brasil:

Nós éramos cinco irmãos e para ajudar com a despesa da casa, meu pai nos oferecia para trabalhar em casa de famílias. No meu caso fui trabalhar aos dez anos de idade na casa de uma família muito boa em Beirute, no Líbano. Ali aprendi a arrumar uma boa mesa, nunca vi o dinheiro que recebia. Uma vez por mês, meu pai ia para Quando completei dezessete anos, meu pai decidiu que era hora de casar. Tive que sair da casa com muita tristeza, ali eu era bem tratada e tinha comida todos os dias. Vim para o Brasil para casar com um primo meu.

Na narrativa ficcional, passagem semelhante é narrada:

No verão daquele ano Ibrahim ausentou-se de Ain el-Jesh por uma semana. Fora buscar uma moça alauíta que trabalhava na casa de uma abastada família cristã de Aleppo. Os dela eram de uma aldeia próxima e, por necessidade, tinham entregado a filha à uma família para serviços de criada. (ABRÃO: 2009, p.66)

A instabilidade política na Síria e a não resolução dos problemas econômicos com o êxodo rural aumentou o fluxo de alauítas para o Brasil, ao final da 1ª Guerra Mundial. Vive-se um período de declínio da imigração durante a Grande Guerra, mas entre os anos de 1918 e 1919, mostram que o número de imigrantes voltou a crescer. Entre 1924 e 1934, em função das cotas restritivas de imigração nos Estados Unidos, Argentina e Canadá, a imigração para o Brasil aumentou, caindo logo depois a restrição estabelecida pelo primeiro governo de Vargas. (PINTO, 2010b).

Nas primeiras décadas século XX, ao chegarem aqui, os alauítas ou iam trabalhar como mascates ou trabalhavam na construção de estradas de ferro que

começavam a surgir integrando o interior do estado de São Paulo. É o caso de A.I²⁶, ao chegar em 1914, foi trabalhar na construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil, que integrava São Paulo ao Mato Grosso. Ao contrário de boa parte dos imigrantes árabes, A.I saiu como clandestino da Síria por se opor e lutar contra a opressão otomana e com uma documentação forjada embarcou num navio com destino ao Brasil, sem a carta de chamada.

De qualquer forma, a escolha do Brasil não fora aleatória, mesmo sem a carta de chamada, as redes de solidariedade existiam e o jovem imigrante procurou um parente residente em Araçatuba, interior de São Paulo, que trabalhara por um período na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. As

redes solidárias, como no caso citado, eram fundamentais para o estabelecimento dos imigrantes nas cidades brasileiras. Através dos contatos deste parente, A.I foi contratado para trabalhar na continuação da construção da Noroeste do Brasil, ao chegar em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, foi levado a procurar a família de alauítas de F.R, oriundo da aldeia de Dwair Rslam, um mascate que vivia num sítio. Ficaram amigos mandou uma carta de chamada para que sua irma T.R viesse para o Brasil e se casasse com A.I. As relações de parentesco se reestruturavam desta forma no Brasil, não eram mais as origens familiares e os clãs das aldeias que estabeleciam os laços de parentescos e sim a religião e as redes de solidariedade.

Figura 6 - Documento de Anis Irabi.²⁷

Fonte: Acervo Adma Irabi, Três Lagoas, 1944

No Rio de Janeiro, a comunidade era bem maior, havia muitos alauítas estabelecidos no comércio, o número era tão significativo, quem em 1931, no Rio de Janeiro, fundaram a primeira associação muçulmana do Brasil – Sociedade Beneficente Alauíta - que durante muitos anos, até o início dos anos 2000 teve efetiva participação na vida social e religiosa de seus associados. Na ata de sua fundação, não trazia a identificação da religião

“Muçulmana” no nome, era apenas Sociedade Beneficente Alauíta. No final dos anos 1970, por decisão da diretoria é acrescida a identificação da religião islâmica ao nome, reforçando sua vinculação ao islã. A sociedade no Rio de Janeiro, situada na Tijuca, além de ter sido a primeira no Brasil, foi à primeira instituição islâmica na cidade, sendo referência para alauítas e sunitas (PINTO: 2010b), por muito tempo.

Figura 7 - Carteira de Associado

Fonte: Acervo família Omran, 1958

Carteira de associado, no verso em árabe. O nome da sociedade não trazia o termo “muçulmana”. Inicialmente, como não tinha sede própria, as reuniões aconteciam nas casas dos sócios, restaurantes, hospedarias e até nas praças públicas, como exemplo, muitos contam que o ponto de encontro para estas reuniões

era na Praça Paris, no Centro do Rio de Janeiro. Entre 1955 e 1958, essas reuniões aconteciam na casa do *shaykh* (líder religioso) Hassan Safatli²⁸, na Rua Maia de Lacerda, 94, no bairro do Estácio. Em 1958 os associados compraram a sede de sociedade (*Jam'iyah*), na rua Domínio da Gama 44, Tijuca.

Figura 8 - Diretoria e Associados na nova sede onde funciona até hoje a sociedade.

Fonte: Acervo família Omran, 1958

Na sede aconteciam encontros casamentos, comemorações de bodas, além sociais, como festas de aniversários, das festas religiosas.

Figura 9 - Comemoração de bodas de prata, de um dos associados.

Fonte: Acervo família Safatli, 1967

Figura 10 -Evento Cultural. Feira do Livro com a presença da comunidade sírio-libanesa.

Fonte: Acervo família Safatli, 1969

A figura 9, revela uma prática comum da sociedade brasileira, a celebração das bodas de Prata, festividade inexistente no espaço alauíta, a foto três revela o caráter transnacional da comunidade alauíta do Rio de Janeiro. Nela não se encontra apenas a bandeira da Sociedade Beneficente Alauíta como as bandeiras da Síria²⁹ e do Líbano. Na mesa ainda a presença de membros da comunidade cristã ortodoxa e corpo diplomático da Síria.

Hoje há um número considerável de muçulmanos deste grupo no país, ainda de acordo com as informações da Sociedade do Rio de Janeiro, há 400 associados, entre nativos e descendentes, no estado, esse número não inclui as mulheres (pelo regimento não podem ser associadas), no entanto, por inúmeras crises pelas quais a sociedade passou e a ausência de uma liderança religiosa os eventos rarearam e os integrantes da comunidade começam a

estabelecer outras formas para manifestação de sua religiosidade. Apesar de no final dos anos 1970, o termo “muçulmana” tenha sido acrescido à associação, o discurso religioso tanto o que mantém as tradições do islã quanto o dos rituais esotéricos, utilizados para a construção do *ethos* da comunidade tem sofrido grande esvaziamento, na medida em que começam a faltar na comunidade lideranças religiosas para darem prosseguimento a ele. O “imaginário sociodiscursivo” do qual nos fala Charaudeau (2006), o "universo de significação que funda a identidade de um grupo" (p. 202-204) começou a se perder na comunidade alauíta do Rio de Janeiro.

No caso da Sociedade de São Paulo, desde a fundação (1965) a sua vinculação ao islã se faz presente no nome: Sociedade Beneficente Islâmica Alauíta da São Paulo, situada Rua França Pinto 1293, Vila Mariana.

Figura 11 - Estatuto da Sociedade Beneficente Muçulmana Alauíta de São Paulo

Fonte: Acervo do autor, 1965

Em São Paulo, o número de associados é ainda maior, de acordo com relatos dos membros da comunidade, há cerca de 700 membros, não estando incluídas algumas famílias que vivem no interior do estado, como nos municípios de Araçatuba e Presidente Prudente. A preservação da identidade do grupo ocorre nos discursos de caráter religioso e político, uma vez que a comunidade é formada por

sírios politizados e simpatizantes do partido Baath. Neste aspecto, a comunidade constrói sua identidade vinculada não só a religião como também ao mundo político da Síria. O conceito de *Watan* (pátria) e *Umma* (comunidade, nação) começam a se mesclar na medida que a nova geração foi afetada não só pelo discurso do pan-arabismo como do nacionalismo baathista sírio.

Figura 12 - Parede da Sociedade de São Paulo. Bandeira do Brasil e Síria no canto, na mesma parede fotos dos fundadores e do presidente Sírio Bashar Al Assad.

Fonte: o autor, 2014

O atual presidente sírio Bashar Al Assad é alauíta, e para se compreender o atual conflito, conhecer a história dos alauítas se transforma em condição prévia para uma análise mais elucidativa da história da Síria contemporânea. Nota-se que nas relações internas da comunidade, a Guerra Civil Síria reverberou nas relações religiosas, políticas e sociais do grupo. O discurso político e ideológico, assim, se entremeia com mais força ao religioso, muitas vezes se sobrepondo a ele, formando assim uma nova identidade religiosa, onde a nacionalidade se torna sinônimo de confissão religiosa.

Ao contrário de boa parte dos muçulmanos (xiitas e sunitas) a noção da nação islâmica (*Umma*) para os alauítas cede lugar ao sentimento de patriotismo (*Wattan*), este grupo apesar das rigorosas práticas religiosas, seu pertencimento está

na pátria idealizada que seria a Grande Nação Síria. A ausência do sentimento de pertencimento à nação islâmica afasta este grupo das práticas sociais com outros muçulmanos, seja aqui no Brasil seja no exterior.

A Transmissão do Conhecimento Religioso – O discurso político e o religioso_____

Frederik Barth (2000) elucida as maneiras pelas quais as tradições religiosas são transformadas em realidades sociais. Cada sociedade está impregnada por diferentes formas de conhecimento, é necessário investigar os modos pelos quais este conhecimento é transmitido e dinamizado na interação social. A transmissão do conhecimento religioso entre os descendentes dos muçulmanos

alauítas se fazia (como ainda hoje) pela oralidade, já que sabiam apenas falar árabe. Os que sabiam ler o árabe assumiam um papel de destaque na comunidade, surgindo assim uma hierarquização interna das relações deste grupo (BARTH, 1998), o capital intelectual hierarquizaria todas as relações do grupo. Neste aspecto, ao aprofundarmos a transmissão do conhecimento religioso, a noção de “conhecimento” será entendida aqui a partir dos entendimentos dos muçulmanos alauítas no Brasil acerca das práticas e ideias religiosas que eles consideram como corretas.

Assim, para se compreender o islã na perspectiva dos alauítas se faz importante refletir nos processos de re-imaginação e ressignificação dos elementos que constituem sua tradição normativa reelaborados a partir do espaço social da sua vivência religiosa. Nota-se, desta forma que entram em conflito diversas formas de interpretações teológicas e práticas rituais presentes no islã como um todo nas práticas locais dos alauítas. Como as práticas discursivas não são homogêneas, articula-se a inserção do discurso político na preservação desta identidade, pois há discursos outros nas práticas deste discurso religioso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006).

Ao contrário do Cristianismo, não há no Islã uma organização de sacerdotes institucionalizada; na comunidade há diversos líderes religiosos que devem deter

o conhecimento religioso baseado nos textos sagrados, este conhecimento atribui às autoridades religiosas papéis de guardiões das tradições, cabendo a eles a responsabilidade de transmitir e formar o conhecimento religioso. Assim, o conhecimento religioso é fundamental para a legitimação de uma autoridade religiosa (BARTH, 2000). No caso dos alauítas, esse conhecimento religioso deve ser tanto o corânico quanto o esotérico das suas práticas religiosas.

Cientes do papel da língua para legitimar seu pertencimento à *Ummah* (comunidade universal de fieis muçulmanos) e a *Watan* (pátria) síria, no século passado, os imigrantes alauítas convidavam os líderes religiosos para virem ao Brasil³⁰ a fim de ensinar seus filhos a falar, ler e escrever o árabe e depois os princípios religiosos, garantindo assim a preservação de suas tradições religiosas. Cientes de que o idioma árabe é de suma importância para compreensão e preservação da religião e da sua identidade local, nos anos de 1980 a comunidade alauíta no Rio de Janeiro, através dos filiados ao partido Baath, solicitou ao governo sírio o envio de professores para a comunidade. Foram enviados por seis anos consecutivos diversos professores que não atendiam não só os alauítas como integrantes da comunidade cristã ortodoxa. As aulas aconteciam tanto na Sociedade Alauíta quanto na Igreja Ortodoxa situada na Rua Gomes Freire. Porém, houve a

interrupção do envio destes professores e os alauítas se viram, novamente, sem poder transmitir o conhecimento do idioma, e consequentemente religioso, para seus descendentes. Há de se notar que estes podem até não saber falar com fluência o árabe, muito menos saber ler e escrever, mas as orações e todos os rituais públicos e privados são feitos na língua do Profeta, mantendo-os, assim, fiéis às tradições religiosas e ao seu sentimento de pertencimento à nação Síria. Pode-se perceber que esse grupo religioso compreendeu, num primeiro momento, que os discursos sobre nação e identidade não se resumiam ao país de onde vinham e sim ao conceito de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) no caso, uma comunidade da confissão alauíta no Brasil.

Na perspectiva de Charaudeau, para se atingir um objetivo discursivo, como estratégias discursivas e argumentativas utilizam-se o *ethos* e o *pathos* como base da enunciação, por isso, os discursos (*khutba*) proferidos pelo *shaykh* Hassan Safatli³¹, não desvinculava os alauítas do islã, destacava, muitas vezes, que “a religião trazida no coração de cada um” deveria ser o elo entre esses imigrantes. Ao longo de sua vida o *shaykh* Safatli manteve um discurso religioso que agregava todos os membros da comunidade, usava como estratégia de persuasão discursiva provérbios, metáforas e máximas extraídas tanto dos *ahadith* (ditos) do Profeta quanto de seu sucessor Ali, compreendidas por um grande número

de seguidores, que reconheciam a tradição e a soberania de sua religião. Para a semântica cognitiva, as metáforas assumem um papel de figura de pensamento, resultado de um processo cognitivo. Essa concepção de metáfora toma a linguagem como uma ação sobre o mundo, e assim o discurso assume um papel legitimador sócio, cognitivo e linguístico dessa ação (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Com isso, no discurso religioso de preservação de uma identidade, a metáfora era usada como um recurso para produzir sentidos, atraindo e mantendo os seus interlocutores, a fim de preservar a identidade religiosa no país “estrangeiro”.

O fluxo migratório entre os anos de 1970 e 1980 introduziu na preservação desta identidade, o discurso político, pois a Síria tinha um presidente alauíta e para a sobrevivência do grupo o envolvimento político passa a ser uma necessidade. Por isso, a nova geração de imigrantes acrescentava com mais veemência, que além da religião, a nacionalidade síria os uniria no país que os acolhia.

Como a noção de *Watan* e *Ummah* se mesclam para os alauítas, no Brasil, sua identidade se constrói tendo por base tanto o discurso político e o religioso. Por um lado, a imagem da Síria igualitária, sem distinção de credos, presente no discurso político da *Watan*, do outro o sentimento que unem todos sob uma mesma fé, presente no discurso da *Ummah* (nação

religiosa), será a marca da identidade dos

alauítas no Brasil.

Notas

¹ Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Leitura, Fruição e Ensino (UFF). Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Pesquisa voltada aos estudos culturais e literários do mundo árabe e sobre do islã. Email: m_omran@uol.com.br

² A Guerra Civil Sírio colocou em evidência os alauítas, grupo religioso ligado ao xiismo.

³ Há um interesse ainda, pelo aspecto místico do sufismo.

⁴ Movimentos que surgem a partir do século XVIII como o Wahabismo, Salafismo, Irmandade Muçulmana, Jihadismo dentre outros, mais recentes, inclusive como a Al Qaeda.

⁵ De acordo com a história do islão, as divisões sectárias surgem após a morte de Muhammad, este não havia deixado um herdeiro masculino. Assim, dois grupos se formaram, um que considerava os membros da família do Profeta como legítimos herdeiros, esses seriam os xiitas, e o outro liderado por Abu Bakr, sogro do Profeta, acreditavam que deveria haver a igualdade entre os fiéis para a sucessão, e qualquer um que estivesse apto a ocupar o lugar do Profeta, estes seriam os sunitas.

⁶ Os xiitas duodecimanos se organizaram em torno da liderança de Ali Zeyn AL A'bidin, bisneto de Muhammad. Todos os membros masculinos da linhagem de Ali (genro e primo de Muhammad) passaram a ser considerados líderes religiosos (Imams). Os xiitas duodecimanos aceitam a sucessão dos imams até o 12º líder (Muhammad AL Mahdi).

⁷ GHABAR, Najla. O Druzismo Verde Amarelo. Dissertação de Mestrado PUC-SP, Ciências da Religião. 2013.

⁸ Paulo Pinto em Islã: Religião e Civilização: Uma abordagem antropológica. São Paulo: Editora Santuário, 2010. e em Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, Instituto Cultural Cidade Viva, 2010. Raf uma breve referência sobre o grupo.

⁹ Local aqui usado na perspectiva dos imigrantes, referindo-se aos líderes de suas aldeias na Síria.

¹⁰ Mais adiante detalharemos os motivos da denominação.

¹¹ Os 12 Imams são: Ali Ibn Abu Talib, Hassan Ibn Ali, Hussein Ibn Ali, Ali Zein AL A'bidin, Muhmad AL Baker, Já'far AL Sadiq, Musa AL Kazim, Ali AL Rida, Muhammad AL Jawad, Ali AL Hadi, Hassan AL Askari, Muhamad Ibn AL Hassan AL Kaim AL Mahdi.

¹² Foram consultados alguns shaykhs alauítas, na Síria, Líbano e Brasil, o acesso à fonte escrita teológica dos alauítas não é permitida para mulheres.

¹³ Em função do fechamento do grupo, muitos pesquisadores se baseiam em teses de teólogos sunnis como Ibn Taymiyyah Muhammad ibn Abd al-Wahhab, entre outros, que consideram o grupo Kafir (infel). Ver ainda BARASHER, Meir Mikhail and KOFSKY, Arie The *Nusayri-Alawi Religion: An Enquiry into Its Theology and Liturgy* (Jerusalem Studies in Religion and Culture. 2002.

¹⁴ Daí o termo "nussayrista".

¹⁵ Muito membros deste grupo, imigrantes sírios no Brasil, evitam a referência a Nussayri, reafirmando apenas que os alauítas são os primeiros muçulmanos, pois são seguidores de Ali, o legítimo herdeiro do profeta Muhammad.

¹⁶ Esses escritos só podem ser acessados por homens.

¹⁷ Ashura é a comemoração do martírio do Imam Hussein Ibn Ali, neto do Profeta, que foi assassinado por Yazid Ibn Muwa'wia, califa de Damasco no século VIII. Os xiitas duodecimanos relembram o martírio em representações teatrais, os alauítas fazem orações e sacrificam animais, nestes locais, em homenagem a Hussein. A carne é distribuída entre os mais pobres.

¹⁸ Aniversário da retirada francesa da Síria (os alauítas contribuíram para essa retirada, daí o forte caráter

nacionalista do grupo) e por coincidência, data em que se inicia a Primavera que é comemorada pelos alauítas pois a sua maioria são agricultores e a Primavera é o prenúncio de novos tempos.

¹⁹ Hijab –o véu que cobre as cabeças das mulheres muçulmanas.

²⁰ Decreto.

²¹ Cf. Heinz Halm, « Nusairi », em *Encyclopédie de l'Islam*, Paris, 1993, p. 148-150.

²² Hafez Al Assad governou a síria de 1970 a 2000.

²³ A identidade dos entrevistados será mantida, sendo identificados por iniciais.

²⁴ De acordo com relato de filhos desses imigrantes, o trabalho nos estaleiros era o preferido, pela possibilidade, de até como clandestinos, embarcarem para a América.

²⁵ Os nomes de alguns entrevistados foram substituídos pelas iniciais, a pedido dos mesmos.

²⁶ Relato fornecido pelos descendentes.

²⁷ A mesma autorizou a publicação do nome de seu avô. Anis só consegue seu registro permanente no país em 1944.

²⁸ Por ser uma figura pública na comunidade, o nome do shaykh, com autorização de seus descendentes, será citado ao longo do trabalho.

²⁹ Bandeira com três estrelas no centro usada entre 1963 e 1972.

³⁰ Estes já eram imigrantes estabelecidos na Argentina ou vinham da Síria ou do Norte do Líbano.

³¹ O shaykh Hassan Safatli (1906-1999) foi um dos líderes religiosos alauítas de maior destaque no Brasil. Era não só uma referência religiosa como política para toda a comunidade islâmica no Brasil.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Gilberto. *Mohamed, O Latoeiro*. São Paulo: Editora Primavera, 2009.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução Denise Bootman. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BALANCHE, Fabrice. *Les Alaouites : une secte au pouvoir*. Paris: Outre Terre, 2006.

BARASHER, Meir Mikhail and KOFSKY, Arie The *Nusayri-Alawi Religion: An Enquiry into Its Theology and Liturgy* (Jerusalem Studies in Religion and Culture. 2002.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro:

Contra Capa Livraria, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A Patemização na Televisão como Estratégia de Autenticidade*. In: MENDES, Emília & MACHADO, Ida Lúcia. (Org.) *As Emoções no Discurso*. Campinas: Mercado das Letras, v.2, cap. 1, p. 23 – 56.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FERES, Gilberto Aarão. *Mohamed, o latoeiro*. São Paulo: Editora Primavera, 2010.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita. 2.ed. Companhia das letras. 2ª edição. 1995.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo, 2002.

MERVIN, Sabrina. " *Quelques jalons pour une histoire du rapprochement (taqrib) des alaouites vers le chiisme*", Islamstudien ohne Ende, Festschrift für Werner Ende, Deutsche

Morgenländische Gesellschaft, Ergon Verlag Würzburg, p. 281-288. 2002

_____ « *L'entité alaouite, une création française* », in Le choc colonial et l'Islam, 2006.

NISAN, Moudechai. *Minorities in the Middle East: A History of Struggle and Self Expression*. Washington D.C: Library of Congress. 2000

PINTO, Paulo G. H. R. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Editora Santuário, 2010a.

_____. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: cidade Viva. Instituto cultural Cidade Viva. 2010b.

TRUZZI, Oswaldo, Patrícios – *Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: UNESP, 1993.

WHITEHOUSE, Harvey. (2000), *Arguments and Icons*. Oxford: Oxford University Press.

RELIGIOUS SPEECH IN PRESERVATION IDENTITY MUSLIM COMMUNITIES ALAWITES OF BRAZIL

ABSTRACT: CURRENTLY, STUDIES ABOUT ISLAM IN BRAZIL, MOST OF THE TIME ARE ADOPTING TO UNDERSTANDING THE SOCIAL AND RELIGIOUS PRACTICES OF SUNNI OR SHIA GROUPS. HOWEVER, THERE ARE OTHER GROUPS WITHIN THE SHIA THAT HAVE BEGUN TO BE STUDIED, SUCH AS THE CASE OF THE ALAWITE AND DRUZE. THE MIGRATORY FLOW FROM THIS GROUP TO BRAZIL, BEGAN IN THE EARLY TWENTIETH CENTURY AND HAS ITS PEAK AFTER THE END OF WORLD WAR II. SO THIS ARTICLE, AND MAKE A VERY BRIEF HISTORY OF THE RELIGIOUS PRACTICES OF THIS COMMUNITY IN BRAZIL, AIMS TO REFLECT ABOUT ITS SPEECH OF PRESERVING THE RELIGIOUS IDENTITY, NOT DISSOCIATING THE POLITICAL DISCOURSE.

KEYWORDS: IMMIGRATION - IDENTITY – ISLAM – RELIGIOUS DISCOURSE - ALAWITES – POLITICAL DISCOURSE.